

Consegue a solidariedade chegar aos mais idosos?

O aumento da esperança de vida é reflexo de um decréscimo acentuado da mortalidade infantil e do acréscimo do número de anos de vivemos. Uma vida mais longa, com mais qualidade onde a transferência de saber e saberes, se incentivado o convívio entre gerações, tem inevitavelmente ganhos para a sociedade como um todo.

É, todavia, necessário acautelar que todos, independentemente dos recursos financeiros de que dispõem, podem usufruir do bem-estar de que precisam, da atenção que a sua situação particular exige.

No caso particular dos mais idosos, a solidariedade assume particular importância, já que os ritmos e os cuidados têm características particulares que só à luz deste conceito e das respostas que lhe estão inerentes podem ser atendidos e prestados. Respostas sociais adequadas, estudadas e concebidas para quem está num estágio da sua vida que exige cuidados específicos podem e devem ser propostas e muitas são hoje felizmente as instituições que as propõem. Neste contexto, assume particular importância o voluntariado que, complementando o trabalho de profissionais, permite dar tempo e atenção, com solidariedade e amor, a quem deles precisa.

O apoio domiciliário, propondo cuidados de higiene pessoal e da casa, por vezes até alimentação, é uma resposta adequada a quem pode permanecer na sua casa, vivendo onde sempre viveu, mas agora com uma ajuda que permite garantir a qualidade de vida que por vezes não pode ser assegurada de forma autónoma. A família tem aqui um papel determinante e não pode demitir-se das suas responsabilidades, embora, nem sempre disponha hoje do tempo que seria imprescindível. Neste caso, prestações que se completem e complementem, são uma boa alternativa e permitem proporcionar os cuidados necessários e a transmissão de afetos.

Existem hoje várias organizações que perceberam que o trabalho de voluntários dedicados no apoio aos idosos, pode realmente constituir uma mais valia em termos de solidariedade para com os mais idosos e propõem uma rede de amigos que vão a casa das pessoas mais velhas, por vezes com limitações físicas que as impedem até de sair de casa, obviando à solidão e isolamento que grassam sobretudo nas zonas urbanas, onde o sentido de vizinhança se perdeu ou está hoje esbatido. Voluntários amigos, que adoptam um idoso, o visitam, apoiam, conversam, dando tempo e atenção e estabelecendo relações que minoram sofrimentos.

É nesta solidariedade intergeracional prestada por pessoas que não tendo laços de sangue passam a ter laços de coração, que creio dever ser feita uma aposta pelos ganhos para ambas as partes.

São diversos os exemplos que poderia citar, por vezes realizados por jovens que visitam idosos e ganham “avós”, por estudantes que estabelecem contacto real ou virtual através da internet, mas com uma regularidade que permite aos idosos a certeza de que ainda são importantes porque naquele dia, àquela hora, vão ter uma visita com alguém que está preocupado consigo, numa esperança que gera vida.

Existem ainda muitos idosos que escapam à malha da solidariedade e é por estes que defendo que é necessário encontrar soluções de proximidade, inovadoras, que não deixem ninguém entregue à sua sorte, esperando e desesperando.

Acredito que uma sociedade verdadeiramente solidária e comprometida tem de olhar para a situação dos idosos, garantindo que recebem realmente tudo aquilo de que necessitam, tudo aquilo que realmente têm o direito de esperar.